

## DISCURSO DE SEATTLE, 1856

*O discurso de Seattle, cacique dos Duwamish, foi proferido diante de Isaac Stevens, então governador do território de Washington, em 1856. O governador Stevens fizera chegar ao cacique sua vontade de comprar as terras dos Duwamish, porque os brancos queriam morar e trabalhar nelas.*

“O Grande Chefe de Washington mandou dizer que deseja comprar nossa terra. O Grande Chefe assegurou-nos, também, de sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois bem sabemos que ele não precisa de nossa amizade. Vamos, porém, pensar em sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O Grande Chefe de Washington pode confiar no que o Chefe Seattle diz, com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na alteração das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas. Elas não empalidecem. Como podes comprar ou vender o céu e o calor da terra? Tal idéia é estranha para nós. Se não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água, como então podes comprá-los? Cada torrão desta terra é sagrado para o meu povo. Cada folha reluzente de pinheiro, cada praia arenosa, cada véu de neblina na floresta escura, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo. A seiva que circula nas árvores carrega consigo as recordações do homem vermelho. O homem branco esquece a sua terra natal, quando, depois de morto, vai vagar por entre as estrelas. Os nossos mortos nunca esquecem esta formosa terra, pois ela é mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs. O veado, o cavalo e a grande águia são nossos irmãos. As cristas rochosas, as campinas verdejantes, o calor dos pôneis e do ser humano, todos pertencem à mesma família. Portanto, quando o Grande Chefe de Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, ele exige muito de nós. O Grande Chefe manda dizer que irá reservar para nós um lugar em que possamos viver confortavelmente. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, vamos considerar a tua oferta de compra de nossa terra. Mas não vai ser fácil, porque esta terra é, para nós, sagrada. Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais. Se te vendermos a terra, terás de lembrar que ela é sagrada e terás de ensinar a teus filhos que é sagrada e que cada reflexo no espelho da água límpida dos lagos conta as histórias e as recordações da vida do meu povo. O rumor da água é a voz do meu pai. Os rios são nossos irmãos. Eles saciam nossa sede. Os rios transportam nossas canoas e alimentam nossos filhos. Se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar e ensinar a teus filhos que os rios são irmãos nossos e teus e terás de dispensar aos rios a mesma afabilidade que darias a um irmão. Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele, um lote de terra é igual ao outro, porque ele é um forasteiro que chega na calada da noite e tira da terra tudo o que necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga. E, depois que a conquista, ele vai embora. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e nem se importa. Arrebata a terra das mãos de seus filhos e nem se importa. Esquece a sepultura de seus pais e o direito de seus filhos à herança. Ele trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelhas ou quinquilharias brilhantes. Sua voracidade arruinará a terra, deixando para trás apenas um deserto. Não sei. Nossos modos diferem dos teus. A vista de tuas cidades causa tormento aos olhos do homem vermelho. Mas talvez isto seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que de nada entende. Não há sequer um lugar calmo nas cidades do homem branco. Não há um lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o farfalhar das asas de um inseto. Mas talvez assim seja por ser eu um selvagem que nada entende. O barulho serve apenas para insultar os ouvidos. E que vida é essa, quando um homem não pode ouvir a voz solitária de um curiangó, a conversa dos sapos em volta de um brejo? Sou um homem vermelho e nada entendo. O índio prefere o suave sussurro do vento acariciando a superfície de um lago e o cheiro do próprio vento, purificado por uma chuva do meio-dia ou recendendo a pinheiro. O ar é precioso para o homem vermelho, porque todas as criaturas participam da mesma respiração, os animais, as árvores e o ser humano. Todos participam da mesma respiração. O homem branco não parece perceber o ar que respira. Como um moribundo em prolongada agonia, ele é insensível ao ar fétido. Mas se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar reparte o espírito com toda a vida que ele sustenta. O vento que deu ao nosso bisavô o seu primeiro sopro de vida também recebe seu último suspiro. E se te vendermos nossa terra, deverás mantê-la reservada, feito santuário, como um lugar em que o próprio homem branco possa ir saborear o

vento, adoçado com a fragrância das flores campestres. Assim, pois, vamos considerar tua oferta de compra de nossa terra. Se decidirmos aceitar, farei uma condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos. Sou um selvagem e não consigo pensar de outro modo. Tenho visto milhares de bisões apodrecendo na pradaria, abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem em movimento. Sou um selvagem e não entendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante que o bisão, que nós, os índios, matamos apenas para o sustento de nossa vida. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, o homem morreria de solidão de espírito. Porque tudo o que acontece aos animais, logo acontece também ao homem. Tudo está relacionado entre si. Deveis ensinar a vossos filhos que a terra onde pisam simboliza as cinzas de nossos ancestrais. Para que tenham respeito aos pais, conta a teus filhos que a riqueza da terra são as vidas de nossa parentela. Ensina a teus filhos o que temos ensinado aos nossos: que a terra é nossa mãe. Tudo quanto fere a terra, fere os filhos e filhas da terra. Se os homens cospem no chão, cospem sobre eles próprios. De uma coisa sabemos: a terra não pertence ao homem. É o homem que pertence à terra. Disto temos certeza. Todas as coisas estão interligadas como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si. O que fere a terra fere, também, os filhos e as filhas da terra. Não foi o homem que teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que fizer à trama, a si mesmo fará. Os nossos filhos viram seus pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota, passam o tempo sem fazer nada, envenenando seu corpo com alimentos adocicados e bebidas fortes. Não tem muita importância onde passaremos nossos últimos dias. Eles não são muitos. Mais algumas horas, mesmo alguns invernos, e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nesta terra ou que têm vagueado em bandos pelos bosques sobrarão para chorar sobre os túmulos, um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso. Nem o homem branco com seu Deus, com quem anda e com quem conversa de amigo para amigo, está fora do destino comum. Poderíamos ser irmãos, apesar de tudo. Vamos ver. De uma coisa sabemos, que o homem branco venha um dia a descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus. Talvez julgues que O podes possuir do mesmo jeito, como desejas possuir nossa terra. Mas não O podes. Ele é Deus da humanidade inteira. Ele tem a mesma piedade para com o homem vermelho e para com o homem branco. Esta terra é preciosa para ele. Causar dano à terra é desprezar o seu Criador. Os brancos também vão acabar um dia. Talvez mais cedo do que todas as demais raças. Continuem! Poluam sua cama! Numa noite, irão morrer sufocados nos próprios dejetos! Contudo, ao desaparecerem, brilharão fulgorosamente, abrasados pela força de Deus que os trouxe a este país e que os destinou a dominar esta terra e o homem vermelho. Este destino é para nós um enigma. Não conseguimos imaginar como será quando os bisões forem massacrados, os cavalos selvagens domesticados, os recantos mais reclusos da floresta infestados pelo cheiro de muita gente e as colinas ondulantes cortadas por fios que falam. Onde ficou a floresta densa e fechada? Acabou. Onde estará a águia? Foi embora. Que significa dizer adeus ao pônei ligeiro e à caça? É o fim da vida e o começo da sobrevivência. Deus vos deu, por algum desígnio especial, o domínio sobre os animais, as florestas e sobre o homem vermelho. Mas este desígnio é para nós um enigma. Nós o compreenderíamos, talvez, se conhecêssemos os sonhos do homem branco, se soubéssemos quais as esperanças que transmite a seus filhos e filhas nas longas noites de inverno e quais as visões de futuro que oferece às suas mentes para que possam formular desejos para o dia de amanhã. Somos, porém, selvagens. Os sonhos do homem branco são, para nós, ocultos. E, por serem ocultos, temos de andar, sozinhos, por nosso próprio caminho. Pois, acima de tudo, apreciamos o direito de cada um viver conforme deseja. Por isso, se o homem branco consentir, queremos ver garantidas as reservas que nos prometeu. Lá, talvez, possamos viver nossos últimos dias conforme desejamos. Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar de sombra de uma nuvem pairando sobre as pradarias, a alma do meu povo continuará vivendo nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o pulsar do coração de sua mãe. Se te vendermos nossa Terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esquece de como era esta terra quando dela tomaste posse. E com toda a tua força, o teu poder e todo o teu coração, conserva-a para teus filhos e filhas e ama-a como Deus nos ama a todos. De uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra lhe é sagrada. Nem mesmo o homem branco pode esquivar-se do destino comum a todos nós.”